

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

DEZEMBRO 1920
N.º 102

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoria)*

TELEFONE 2337 CENTRAL

* Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)

UMA IDÉA EM MARCHA

A FEIRA DE LISBOA

A «Feira de Lisboa» vae ser um facto por certo grandioso, que marcará uma pagina de relevo em a nossa historia contemporanea após a narrativa dos feitos épicos com que os nossos heroicos soldados escreveram, nas terras africanas e francezas, a bravura dos portuguezes.

Dois factos notaveis, pois, n'esta quadra da vida nacional, mostrarão ás gerações vindouras que o genio da raça não morre, e se vivifica sempre que uma centelha lhe ateia o fogo sagrado, como tantas vezes tem sucedido.

Quanto ao facto que se refere á guerra, os historiadores se occuparão d'ele, com a sciencia e a consciencia de que forem dotados.

No que respeita á «Feira de Lisboa», podemos nós dar subsidios para o resumo que se lhe dedicar, quando a historia se escrever. E, assim, embora não desejemos ultrapassar os humbraes do perpetuo Tribunal da Justiça; nem pretendendo, tampouco, ser considerados vultos historicos; não po-

demos, todavia, deixar de constatar que a idéa apresentada, em tempo, pela *Revista de Turismo*, da realisação d'uma grande feira em Lisboa, é uma idéa em marcha, dentro em pouco um facto, embora a sua efectivação se deva a outrem.

Isso não importa. Realisa-se a Feira de Lisboa, e é quanto para nós basta.

—□□—

Não vamos já cantar a excelencia dos seus resultados, que todas as previsões mostrarão como os mais beneficos e proveitosos para o nosso Paiz, pelo que respeita ao comercio e á industria. Principalmente para esta ultima, as vantagens da realisação da «Feira de Lisboa» devem ser difficilmente comparaveis, pois que por essa ocasião ter-se-ha ensejo de mostrar os productos nacionaes, muitos d'elles desconhecidos dos estrangeiros e, até, de portuguezes. Não pode haver, pois, maior reclame.

Devemos, porém, dizer que a ignorância dos nacionaes, no que respeita á produção da industria portugueza, é um facto característico da nossa educação e da vida que levamos, que é consequente d'aquela.

Se bem que, em geral, os compendios corograficos indiquem quaes as industrias que se praticam nas diversas provincias de Portugal, isso não é bastante para que as fixemos.—E como retel'as na memoria se não se acompanha o estudo theorico com as visitas praticas, e se, depois, nunca mais se fala em tal?

— E quantas outras novas industrias se criam sem que se lhes faça a menor propaganda?

Portanto, a realização da «Feira de Lisboa» traz para o nosso Paiz, entre outros e diversos beneficios de maior valor, um importantissimo, que é a exposição actualizada da produção industrial portugueza, que se não é gigantesca em brutalidades materiaes—como a ingleza e a americana, tem, pelo contrario, uma delicadesa que bem significa a nossa indole, o nosso temperamento e se harmonisa n'uma atrahente singelesa com as condições physicas do nosso querido rincão.



E' de esperar — senão certo — que por ocasião da «Feira de Lisboa», a nossa Cidade se encha de forasteiros nacionaes e estrangeiros. Estes ultimos serão, sem duvida, em grande numero, por muitos motivos e mais um — que é o cambio baixo da nossa moeda, o que lhes proporciona uma visita ao nosso Paiz e possivelmente largas transações sobre os productos nacionaes que na Feira se expuserem.

Ora, considerando esta hypothese da nossa mais asulada expectativa, um facto sobresahe imediatamente á nossa apreciação — é ele o da instalação para esses milhares de visitantes que a Feira trará á nossa Capital.

— Já pensaria em tal a Comissão que tomou sobre si a efectivação do proximo grande certamen portuguez?

E' esta uma das incognitas d'esse complicado problema, que maior atenção deve merecer.

De facto, os hoteis em Lisboa, aqui ha anos, já não eram muitos. Mas, presentemente, com a diminuição do seu numero pela extinção do Bragança e do Central, e com o crescente augmento da população fluctuante na Capital, muito mais n'ela se faz sentir a falta de hoteis.

Dada a insuficiencia do numero e qualidade dos existentes na presente ocasião, como se conseguirá alojar a avalanche de forasteiros que por motivo da «Feira de Lisboa» virão aqui?

Segundo nos consta, a Comissão trata presentemente de estudar o local onde deve ser instalada a Feira; e se bem que este seja um caso muito a considerar, pensamos que a sua importancia não sobrelevará a da instalação dos forasteiros, a quem havemos de dar quarto, comida e todas as comodidades exigidas por quem se desaloja.

Muitas considerações tínhamos a fazer sobre o assumpto; porém, reservamo-nos para o proximo numero — porque este artigo já vae longo.

JOSÉ LISBOA

GRALHAS

Não usamos acusar os nossos proprios erros, não porque não seja esse um dos nossos principios de virtude, mas para não cansarmos os nossos leitores.

Todavia, quando acontece como succedeu com o nosso ultimo numero, a mesma virtude obriga a penitenciar-nos para salvaguarda da nossa responsabilidade.

Assim é que, em alguns artigos, principalmente no reíereate á *Feira de Lisboa*, as que-silentas gralhas manifestaram-se com o sarcamo da sua intoleravel hypocrisia. Alem de comprometerem a conjugação dos verbos com alguns sujeitos, ainda mascararam frases que não tínhamos escrito, como se deu no final d'um dos periodos, que sahiu: «Isto, alem de muitos outros predicados *que agora não nos ocorre*, quando escreveramos *«que seria ocioso mencionar»*».

E se não fossemos *ociosos* e os tivessemos enumerados, já não tinham s agora o trabalho de emendar os erros alheios...

Que os nossos leitores nos relevem este abuso...

NA MADEIRA

A QUESTÃO DO PORTO E O TURISMO

A idéa do desenvolvimento do turismo na Madeira tem-se generalizado grandemente, devido em especial á ação dos importantes diários «O Comercio da Madeira» e «Diario da Madeira», que na sua defeza teem sido uns denodados campeões.

Registrando-a com muito aplauso, apoia-mol-a com o nosso mais sincero concurso, por se tratar da causa a que unicamente nos consagramos; competindo-nos, portanto, dar-lhe o maior éco, para assim ser mais facilmente ouvida por quem possa facilitar a concessão de medidas que aquela bela e linda Ilha reclama com o mais legitimo direito.

Uma das questões de mais urgente resolução é a que se refere á exploração que está sendo feita no porto do Funchal, pelos proprietarios das lanchas destinadas ao desembarque e embarque dos passageiros em transitio nos grandes transatlânticos que tocam n'aquela porto; a que nos referimos no anterior numero desta Revista.

Essa exploração continuava á data das ultimas noticias d'aquela ilha, conforme escrevia o «Comercio da Madeira» d'onde vamos extrahir do seguintes periodos.

«Passou ha quatro dias em o nosso porto o vapor da Mala Real «Araguaya» trazendo algumas centenas de passageiros, só desembarcando pouco mais de trinta; e ontem com o «Arlanza» succedeu o mesmo.

Porquê? — Como protesto contra o preço elevado que as lanchas exigem.

E' errado o argumento, de que se trata de gente rica; por ser gente rica não se importa de pagar caro: viria mesmo a terra se tivesse de pagar vinte libras; mas não vem a terra por um *shelling*, se perceber que um *shelling* representa um lôgro.

Quando haverá justiça? Quando virá a egualdade, o livre comercio para todos? Quando entraremos n'um regime de equidade?

O serviço das lanchas tal qual está estabelecido, representa um abuso, um monopolio que

muito prejudica o turismo na Madeira e o proletariado marítimo.

Que o banqueiro proteste, que o comerciante lesado grite, que nós estaremos ao seu lado, que nós gritaremos tambem.

Não visamos ninguém: nem auctoridades nem interesses particulares. Pugnamos tão sómente pelo bom nome da Madeira e pelo incremento e desenvolvimento do turismo.

Pedimos e temos advogado o livre comercio marítimo para que o barqueiro estabeleça carreiras em concorrência com as das lanchas, porque d'essa concorrência, alem de nascer uma grande protecção á laboriosa classe marítima, estabelecer-se-ha fatalmente uma grande baixa nos preços das passagens, facilitando o acesso ao Funchal dos milhares de passageiros que todas as semanas passam pela nossa bahia.

Continuando a regalia de que gosam as lanchas a gazolina, lucra apenas uma ou duas ricas empresas, com gravissimo prejuizo da enorme classe marítima e de todo o comercio do Funchal que apenas é visitado por duas centenas de turistas quando o poderia ser por duas centenas de milhares.

Mas o nosso protesto é o éco dos protestos que se lavram alem, em toda a parte onde se pretende proteger uma classe em detrimento d'outras.»

Segundo consta, porem, o sr. Governador Civil d'aquela ilha, no desejo de pôr termo a uma tão anti-patriotica exploração, está trabalhando para vêr se modifica, por uma maneira equitativa, a tarifa das lanchas a gazolina destinadas aos passageiros em transitio.

Seria bom, tambem, que a competente autoridade marítima interviesse no assumpto, d'acordo com o magistrado civil, para a adopção de rapidas providencias, pois a continuar o mesmo estado de coisas, o importante porto do Funchal estará desacreditado e perderá todos os beneficios que lhe adveem da sua excepcional posição geographica.

Ao conhecimento das instancias continentais competentes levamos mais uma vez este delicado assumpto, chamando para ele a sua especial atenção.



A NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

O «Lima» no Havre — A ordem e a correcção
do pessoal do navio — Um almoço portuguez
— A recepção do «Lima» na Alemanha

O *Lima*, esse magnifico barco dos Transportes Maritimos do Estado, que foi o primeiro a inaugurar a tão desejada linha de navegação para o Brazil, passou ha dias no Havre.

Ali fomos visital'o e assistir a um magnifico almoço em que o sr. Marques da Silva, agente geral, em França, dos T. M. E., reuniu as auctoridades diplomaticas e consulares portuguezas, bem



MARQUES DA SILVA

como o corpo consular sul-americano residente no Havre.

Logo, ao entrarmos no *Lima*, notámos, com inteira satisfação, a correcção do pessoal de bordo e irreprehen-sível asseio do navio, demonstrando que ali dentro

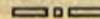
havia ordem e disciplina, tão rara nos tempos que vão correndo.

O magnifico transatlantico tem, exteriormente, o aspecto d'um grande paquete, não só pelo seu amplo convez superior,

como pelas suas excelentes disposições onde se nota elegancia e conforto.

E' pequeno, é certo; mais pequena, porém, era a nau *S. Gabriel* e levou á India os seus auidazes marinheiros.

Apezar, porém, das suas limitadas 3.901 toneladas, dispõe esse barco de 67 lugares de 1.^a classe em amplos e arejados camarotes, e 86 de 3.^a A sala de jantar é a meia nau, sob a qual estão os camarotes; e a sala de fumar, ou *smoking-room*, e a de musica ficam tambem a meio do navio, olhando para a ré. Os camarotes de 3.^a classe são á prôa, havendo para esta cathogoria de passageiros, uma sala de jantar, com serviço de creados, etc.



O almoço fez lembrar bem a nossa terra, pois a ementa estava escripta em portuguez, como tambem os manjares de que se compunha eram legitimamente portuguezes; o que fez com que dois brasileiros exultassem de satisfação por esta deferencia da parte da direcção do navio.

Entre a imensa variedade de bebidas havia aguas mineraes portuguezas; e o *champagne*, que era um magnifico *Douro Espumante*, produziu uma certa admiração nos convivas francezes, que julgavam só em França haver taes bebidas . .

Uma nota, porém, não foi despercebida

pelos convidados: — foi o excelente serviço de criados de que o navio dispõe, todos portuguezes, cuja correção de maneiras deixa a perder de vista a de muitos hotéis e restaurantes de Paris.

Isto vem desfazer a lenda de que ninguém em Portugal «deseja servir á mesa, por ser uma profissão humilhante» o que tem atirado esta rendosissima industria para a mão de estrangeiros; que ao contrario dos portuguezes no Brazil, que ali deixam as suas fortunas, mandam o dinheiro das suas economias para a sua terra, sendo raro os que ficam em Portugal.

A nossa admiração chegou ao ponto de perguntarmos se a bordo dos outros navios nacionaes havia assim um corpo de criados portuguezes; sendo-nos respondido que eram assim, e que a profissão de criados de bordo formava uma corporação grandiosa.

D'esta maneira avalia-se bem que os portuguezes longe do nosso meio, põem de lado os erroneos preconceitos que nos rodeiam.

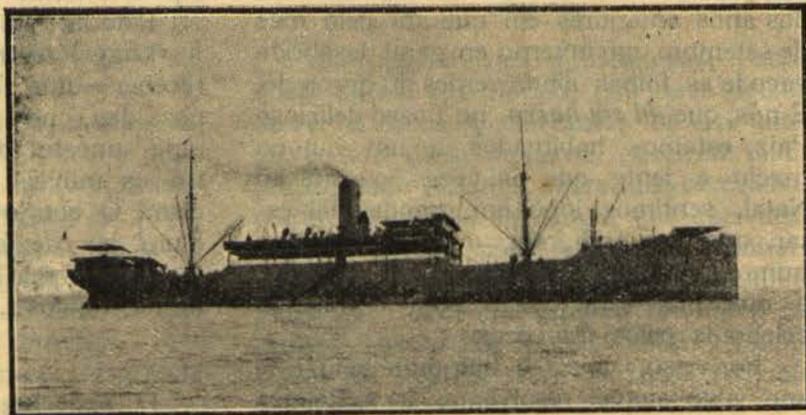


O *Lima* sahiu no dia seguinte, bem cheio de carga e com bastantes passageiros; tendo tido na Alemanha uma excelente recepção, pois pelo comercio de Hamburgo foi oferecido ao navio portuguez grande parte da carga, visto não de-

sejarem embarcal'a em navios de nações ainda ha pouco suas inimigas.

Isto para nós não foi surpresa, pois o comercio alemão, segundo informações que aqui temos tido de comerciantes portuguezes de regresso da Alemanha, diz estar nas disposições de auxiliar o mais possível as nossas relações commerciaes, e bem assim a nossa Marinha Mercante.

E' pois mais um poderoso incentivo a juntar a muitos outros que a força das circunstancias nos prepara para o desenvolvimento do nosso trafego maritimo e comercial.

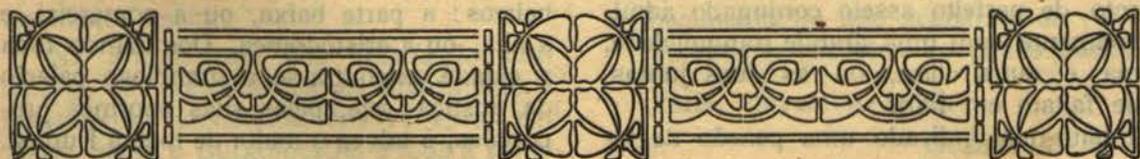


O «LIMA»

Ao terminar estas ligeiras notas restanos agradecer as amabilidades que nos foram dispensadas pela officialidade do *Lima* e especialmente ao seu comandante, o sr. José Rebelo da Silva, e bem assim ao sr. Marques da Silva pelas saudações que se dignou fazer á *Revista de Turismo*.

Paris, Outubro, 1920.

G. M.



CARTAS DE PARIS

Paris a Bruxelas — A capital da Belgica — D. João II de Portugal — A celebração dos casamentos — Rubens — O Museu e os efeitos praticos ali colhidos

O outono d'este ano tem corrido aqui, pelo centro da Europa, ameno e sorridente, bem em contraste com os dos anos anteriores em que ahi pelo mez de setembro, um inverno em geral desabrido sacode as folhas ainda verdes do arvoredo. E nós, que, *lá em baixo*, no nosso delicioso Paiz, estamos habituados a um outono macio e lento que ás vezes vae até ao Natal, sentimos logo um grande mal estar, que nos leva, até, o proverbial bom humor meridional de que somos dotados, e que nos caracterizou com a frase já celebrada pelos francezes.

Por isso, como o outomno veio este ano algo suave, resolvemos ir á Belgica passar uma larga semana.

Traçámos pois um plano que abrangia, Bruxellas, Anvers, Gand, Bruges e Ostende, com regresso por Lille, viagem que projectámos cumprir á risca, se não viessem ao nosso encontro essas chuvas impertinentes que por vezes acodem ao norte da França e da Belgica.

Felizmente assim succedeu.

Partimos pela estação do Norte, no rapido da manhã, e seis horas depois chegavamos a Bruxellas, cidade que, sob a primeira impressão, nos deu uma idéa da nossa Lisboa.

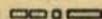
— E' que a capital da Belgica tem, como a rainha do Tejo, os seus bairros novos, cheios de luz, com as suas casas alegres, bem parecidas com as das nossas avenidas, apresentando um aspecto de perfeito asseio conjugado admiravelmente com uma grande tranquillidade, uma e outra coisa, ou as duas juntas, que faltam em Paris.

Tinham-nos indicado uma pensão de fa-

milia, no bairro de Ixelles, a dois passos da Avenue Louise, que é uma das principaes arterias da cidade.

Para lá nos dirigimos.

Logo á entrada, a criada que nos veio receber—uma flamenga loura e nutrida—nos deu, pelo asseio do seu vestuario, uma amostra da divisa da casa; lá dentro os moveis e os encerados resplandeciam. O quarto tinha assim o conchego d'um lar de familia, de que — ai de nós — errando pelo Mundo ha muito, andamos deshabituados...



O aspecto da cidade é d'um labor profundo e bem dirigido. Dir-se-hia que a guerra não tinha ali assentado arraiaes.

Os armazens abarrotam de mercadorias; a população tem um ar de tranquillidade e quiçá de felicidade perfeitamente admiravel.

Toda a gente anda bem disposta, e por toda a parte se nota uma grande actividade.

Lá, vão já recommçados os trabalhos da grande linha ferrea que atravessará Bruxellas lés-a-lés, isto é—desde a estação do Sul á do Norte, sendo parte aerea e parte subterranea, levando, ao meio da cidade, uma grande estação, que servirá todas as ramificações ferroviarias.

Essa estação constituirá como que o ponto de irradiação da viação acelerada de todo o Paiz.

Bruxellas divide-se em dois grandes bairros: a parte baixa, ou a comercial, e a alta, ou a aristocratica. Dominando toda a cidade, encontra-se o grandioso palacio da justiça que, pelas suas enormes proporções, é talvez o maior de toda a Europa.

No bairro novo de Ixelles, ha um grande parque, com excelentes pontos de vista. A seu lado, no bairro Leopoldo, as ruas são de recente construção, havendo n'elas uns interessantes *chaletinhos* com jardim, o que nos deu um pouco a impressão do nosso Estoril.

Na parte oeste do bairro de IXELLES, ha a rua de Portugal (PORTUGAALSTRAAT em flamengo,) porque, como em Bruxellas se falam duas linguas: a franceza e a flamenga, todas as inscrições publicas são escriptas nos dois idiomas.

Mais abaixo, junto a outras ruas com nomes de varias cidades da Europa, ha a *Rue de Lisbonne*, pequena arteria proxima á *Rue de Praga*.

Na parte antiga da cidade, o mais interessante, ou por melhor dizer—o mais grandioso, tanto artistico como monumental, é sem duvida a *Palace de l'Hotel de Ville*, que data do tempo de Carlos V; e a cathedral de Saint-Gudule, começada no seculo XIII, é uma maravilha de que os Bruxellenses se podem orgulhar.

Os vitraes das altas janelas da grande nave são d'uma beleza assombrosa.

Lá está um, mandado fazer por D. João III de Portugal, em que se vê o seu retrato e o da Rainha sua consorte, encimados pelas armas reaes portuguezas.

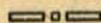
Na visita que fiz á Camara Municipal, notei uma curiosa exposição das bandeiras do tempo dos Philipes, quando reinavam em Hespanha, Belgica e Portugal, nas quaes se vêem as armas de Portugal.

Uma nota bem curiosa, e a que assistimos com alguma emoção, foi a celebração de dois casamentos de nacionaes. A eles presidiu o Burgomestre da cidade, funcionario solemnemente fardado de encarnado, com o peito pejado das medalhas e comendas de todo o Universo, a quem compete selar os matrimonios que se realisam em Bruxellas.

Essa cerimonia pratica-se pouco mais ou menos assim:

Na grande sala dos *Mariages*, reu-nem-se os pretendentes ao matrimonio e respectivos convidados. A's 11 horas em ponto, entra o Burgomestre, e toda a gente

se levanta. A guarda de archeiros apresenta armas. Depois todos se sentam e começa a chamada. Os noivos e testemunhas sobem á tribuna, sentam-se em frente d'aquela alta dignidade, que em seguida profere uma rapida alocução, pela qual o noivo é obrigado a dar á noiva tudo o que é mister, e esta lhe guardará toda a fidelidade. A seguir entrega um pequeno livro encadernado, com os deveres conjugaes, aperta a mão aos noivos a guarda apresenta armas e, adiante. Tudo isto em trez ou quatro minutos.



Mas quem vae a Bruxellas, como quem passa em Madrid, não deve deixar de ver os muzeus, pois tanto o de arte antiga, como o d'arte moderna, encerram tanta preciosidade artistica, sobre tudo da celebre pintura da escola flamenga, que dois dias não são demais para tudo ver e admirar.

De resto, Rubens, está por toda a parte, em todas as igrejas, em todos os muzeus, como em muitas camaras municipaes ele aparece com as suas telas soberbas e grandiosas.

Ha, porem, a notar tambem, no muzeu d'arte moderna, a sumptuosidade das suas esculpturas, algumas verdadeiramente assombrosas.

Uma coisa notámos, que não deixaremos de citar, pelo efeito pratico que ela representa. E' que todos os quadros e todos os esculptores teem, alem do nome do auctor e a sua epocha, a legenda da obra, o que torna facil a sua compreensão.

Em Portugal— e de resto em quasi todos os muzeus que temos visto, os quadros e mais obras d'arte teem apenas um numero, que é para obrigar o visitante a comprar o catalogo. Mas como pouca gente o compra, dá em resultado que 90 por cento dos visitantes, e que na sua maioria são leigos em materia d'arte, atravessam as salas sem terem o mais leve conhecimento do que acabaram de vêr.

Parece-nos que isto é um pouco pratico...

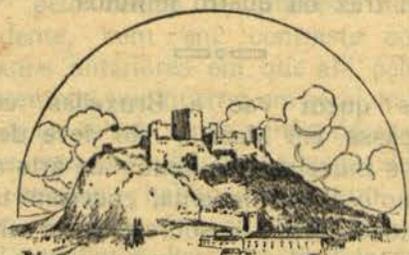
Paris, novembro-1920.

GUERRA MAIO.

RIQUEZAS PATRIAS

CASTELOS DE PORTUGAL

Das Caldas da Rainha, outra vez no comboio, chega-se rapidamente ás veigas verdejantes de Leiria, de cuja estação varios trens e automoveis oferecem transporte, para os 3 kilometros que a separam



UMA DAS FACES DO CASTELO DE LEIRIA

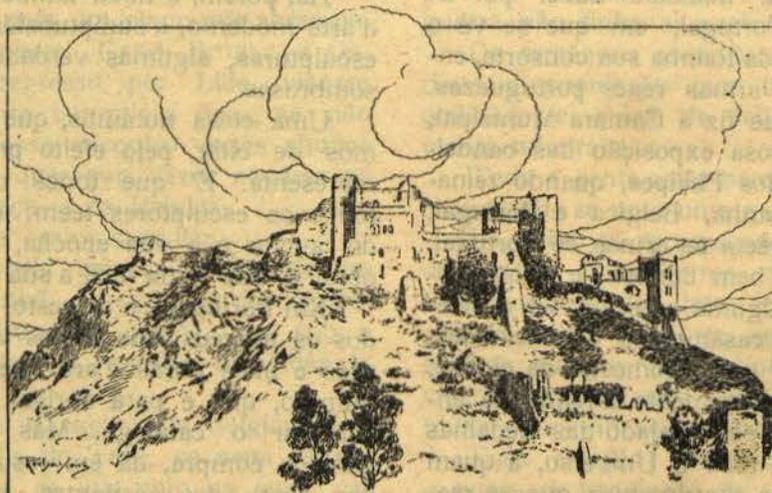
da cidade, que mais curtos parecem ante a paisagem seductora do vale, onde o Liz corre de manso, comovido pelo carinho dos salgueirae e pelo canto cadenciado das

uns penhascos, foi um velho baluarte de Mahomet. rei de Cordova, e teatro de lutas, sem treguas, entre mouros e cristãos, que ora o retomavam, ora o perdiam, até que D. Afonso Henriques, em 1134, depois de uma sortida temeraria, o reconquistou, dotando-o de varias torres e baluartes, e cercando-o de muralhas que ainda hoje existem.

Foi n'este castelo, que a rainha Santa Isabel, segundo a piedosa lenda, transformava em rosas o pão que para os pobres trazia no regaço.

O castelo tem ainda os vestigios de um antigo paço, que outr'óra foi habitado pelos reis de remotas eras.

Dizem que mãos de artista vão restaurar e impedir a derrocada d'este sagrado monumento da nossa independencia. Dignamente o merece a sua veneranda



CASTELO DE LEIRIA - VISTA DA FRENTE

noras gementes, que em languido voltar vão regando os milharaes viçosos e os prados extensos, onde os gados retoicam na maciesa da tarde.

O *Castelo de Leiria*: pousado sobre

velhice.

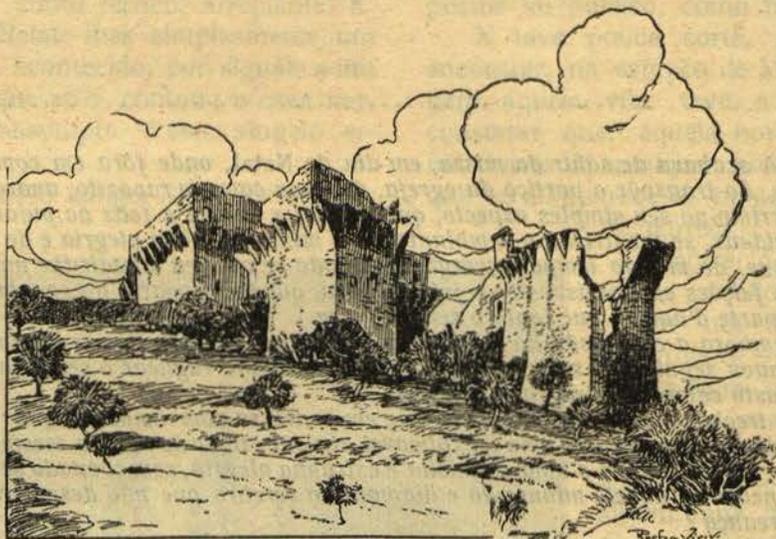
Junto d'aquelas muralhas, passa-se o tempo ligeiro e descuidado, pois a vista foge-nos em contemplações demoradas e extasiantes, pelas veigas ferteis e compri-

das, pelo Liz espreguiçando-se entre choupos pensativos, pela cidade derramada ali a nossos pés, pelos montes alem, cujos casaes a alvejar no alto, dão uma nota alegre de labor e de paz.

Leiria tem bons hotéis e optimos trens e automoveis de aluguer, nos quaes se

destavel orar em graças, pela victoria obtida.

Mais tarde tambem o castelo de Ourem, em 1811, foi theatro de uma lucta heroica entre o exercito portuguez e o de Massena, sendo este obrigado a retirar com grandes perdas.



CASTELO DE OUREM - VISTA DA FRENTE

pode fazer a jornada á Batalha, o «Poema de Pedra» — como lhe chamou Herculano.

Depois, quem quiser deixar o comboio e ir á linha do Norte, pode faze-lo com proveitoso resultado.

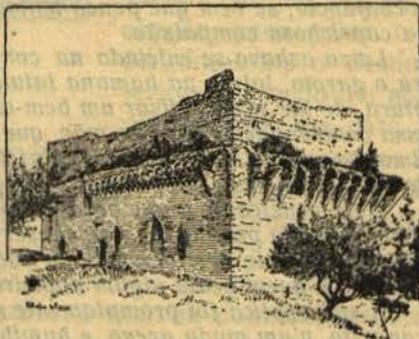
Para o nascente ha a estrada de Chão de Maças, com passagem ao pé do *Castelo de Ourem*, no alto, junto á vila do mesmo nome.

As suas altas muralhas, restos de uma antiga fortaleza, foram testemunhas de tantos feitos heroicos que não se registam facilmente n'esta ligeira descripção.

Nas lutas de D. Sancho II, com sua mulher a famigerada D. Mecia Lopes de Haro, Ourem deu abrigo e depois prisão áquela rainha, cuja casa por ela habitada ainda se vê entre as ruinas.

Tamhem o conde d'Andeiro, valido de Leonor Teles, tem aqui um farrapo da sua negra historia, pois a heroica vila de Ourem foi-lhe doada pelo rei D. Fernando, passando depois o senhorio para o Con-

Depois em 1834, nas luctas liberaes, uma pavorosa explosão do paiol danificou muito as torres e as muralhas.



UMA DAS FACES DO CASTELO DE OUREM

Hoje o castelo de Ourem, é, com as suas muralhas altas e corrompidas, um velho trofeu, esfarrapando-se ao vento.

GUERRA MAIO

ARTE E LITERATURA

CARIDADE INFANTIL

*L*UÍZINHA acabava de sair da missa, em dia de Natal, onde fôra em companhia de sua mãe. Ao transpôr o portico da igreja, deparou com um rapazito, andrajosamente vestido, miserrimo no seu simples aspecto, que, ao vel-a alegre e feliz na pujança da sua invejavel mocidade, se lhe avivou o semblante n'um mixto de triste alegria e de alegre tristeza. Como que, ao mesmo tempo, envergonhado, não se atreveu a pedir-lhe uma esmola; mas nas suas feições exteriorisava-se o jubilo intimo que lhe causaria a expontaneidade de tal ação por parte d'aquela que tanto o sensibilisára.

Luiza, embora a expressão do miserando vagabundo lhe não tivesse passado despercebida, continuou seguindo o seu caminho... talvez fazendo vaguear o seu infantil pensamento pelo vasto campo da desgraça humana.

A breve trecho, porém, sua mãe deteve-se em conversa com umas amigas; e o rapazito que, mercê da sorte ou por uma inexplicavel atração, tinha tomado o mesmo rumo, ao vel-a de novo, manifestou-se d'uma exquisita e extranha alegria, sem comtudo se lhe dirigir.

— Que pensaria aquele minusculo e diamantino cerebro que não despegava os olhos da mimosa creança?

Certamente, nem ele mesmo saberia explicar...

Luiza, então, reparando que o rapazito a seguia e sentindo-se comovida com o expressivo entusiasmo que por isso alvorçou o pequenito, dedicou-lhe maior atenção, examinando-o carinhosamente; o fato era uma lastima; os pequenos pés, desprotegidos de qualquer conforto, denunciavam os martyrios por que já haviam passado; a cabecita estava coberta por alourados cabelos que ondulavam ao sabor do vento, uns, cahindo outros em depretenciosa madeixa sobre a testa. No rosto de alva brancura, onde dois olhos melancolicamente brilhavam, um roseo delicado coloria sobrepticamente as faces, que se ligavam por uma boquitta orlada de avermelhados labios. Aparentava uns oito para nove anos, e o seu conjuncto, se bem que pouco tentador pela falta de acieo que denunciava, atraia por uma caprichosa compaixão.

Luiza achava-se enleada na confusão da sua casta innocencia, olhando tristemente para o garoto, talvez na humana intuição de o proteger, de lhe valer na sua amarga desventura, de lhe prodigalisar um bem-estar que ele desconhecia. Foi, porém, surprehendida n'essa contemplação por sua mãe, que a chamou para se retirar; e sob a influencia d'essa intimativa, sentiu como que um calafrio invadir-lhe o corpo, por se separar do pobresito ente sem, ao menos, lhe dar o preciso para que elle... comesse um bolo em dia de Natal.

Uma penetrante angustia a tornou irresistivel á tentação de socorrer com o seu obulo o envergonhado pedinte, que se conservava a distancia, simplesmente olhando-a com ternura. Obedecendo aos impulsos da sua candida e juvenil alma, acercou-se timidamente de sua mãe, a quem pediu algum dinheiro para dar aquele que tanto a tinha condoido.

A sua supplica foi promptamente satisfeita. Radiante de alegria intima chamou, então, o rapazito, n'um mudo aceno, e humildemente entregou-lhe o obulo representativo da sua maior felicidade; que o pequenito agradeceu, n'um soluçar mudo de reconhecimento.

— Oh! doce caridade infantil, que sublime poesia em ti encerras!

Do livro inédito «TRAÇOS DA VIDA»

JOSÉ LISBOA

UMA VISITA A MAFRA*O QUARTO N.º 6.*

VOCÉLENCIAS julgarão, talvez, que vou contar-lhes aqui uma novela romanesca ou um conto tétrico, arrepiante. E' um engano. Relato-lhes simplesmente um caso verídico, acontecido, por signal, a um amigo meu, que m'o contou; e essa narrativa é o assumpto d'este singelo artigo.

O meu intimo amigo X, — chamemos-

Mafra, tanto mais que já então os famosos paramentos conventuaes estavam expostos ao publico, como n'um Museu.

X teve pouca sorte, pois calculando encontrar, na estação de Mafra, transporte para aquela vila, teve a sensaboria de constatar que, áquela hora do meio dia, não havia lá qualquer meio de condução, que só ali aparece ás horas dos comboios do correio.

Aborrecido com o contratempo e não se atrevendo — por um dia de verão e sol ardente — a vencer a pé, áquela hora, as boas duas leguas de percurso entre a estação e a vila de Mafra, entreteve-se a esquisar, n'um album, uns motivos ali proximos, de paisagem local.

Aconteceu, porém, então, passar na estrada, vinda do lado da estação, uma galera carregada de fardos de palha e puxada vagarosamente por uma magnifica junta de bois. Vendo isto, X, fez signal ao abegão para parar o carro, perguntou-lhe o destino que levava, e, tendo lhe sido respondido que era para Mafra,

pediu ao carreiro o transportasse até lá, ao que o bom do camponescedeu, dando-lhe um lugar na taboa da frente do carro, aó lado d'ele.

O sympathico abegão, que era falador, entreteve a marcha com explicações referentes aos sitios e quintas porque se ia passando, tudo entremeado com elogios e incitamentos aos seus boisinhos, como ele chamava aos enormes animaes, que pachorrentamente iam fazendo rolar a formidavel carrada pelas longas subidas da estrada.

O tempo ia passando, e eram já três



CONVENTO DE MAFRA

lhe assim, para lhe conservar o desejado incógnito,—estivera ha anos em Mafra, de passagem, e tivera ocasião de vêr rapidamente o templo com as primorosas esculpturas dos altares, a bibliotheca monumental, a sala eliptica e outros pontos interessantes; mas, por falta de ocasião não pudera vêr a Casa da Fazenda, onde se guardavam as preciosidades do culto d'aquelle grandioso mosteiro.

Por isso, estando ha algum tempo n'um povoado torrejão, lembrou-se de aproveitar um comboio descendente, da manhã, da linha de Oeste, para ir novamente a

horas da tarde, ou as 15 — como agora se diz, quando a galera atingiu o povoado de Alcainça, ainda bastante distante de Mafra. Então, o meu amigo X, impaciente já e sabendo da relativa proximidade da vila, despediu-se do condutor do carro gratificando-o, e fez a pé o restante percurso, para o que perguntava, a um ou outro caminhante, qual a mais curta direção para aquela vila.

Afinal, passado um portão de cêrca murada e um pitorêscico bocado de tapada, apareceu por fim, pelo lado do fundo, o monumental edificio em que grandes arcos e formidaveis muros se destacavam, denunciando a colossal edificação de D. João V, até que o meu amigo X desembocou por fim no vasto terreiro da vila de Mafra.

N'esse momento, recorda-se X muito bem, magestosamente soavam as quatro horas nos grandes sinos do templo e alguns trens e um char-á-banc servindo de diligencia, seguiam pelo terreiro, deixando a vila. Soube então X, que aqueles carros iam para a estação do Caminho de Ferro, a levar o correio e passageiros.

— Bonito! — disse X lá com os seus botões—chego a Mafra exactamente á hora em que de cá devia partir! — e tenho que passar aqui a noite. Que massada! — Emfim, não ha remedio senão procurar algum alojamento.

N'um predio distante umas grandes letras chamaram-lhe a atenção; e dirigindo-se para lá, com a sua maleta, viu que era um dos Hoteis da localidade.

A pouca sorte não o abandonou porém ainda, pois em resposta ao pedido de alojamento, foi-lhe dito que «jantar se podia arranjar, mas quarto não havia nenhum». — Está tudo cheio, afirmou-lhe a dona da hospedaria.

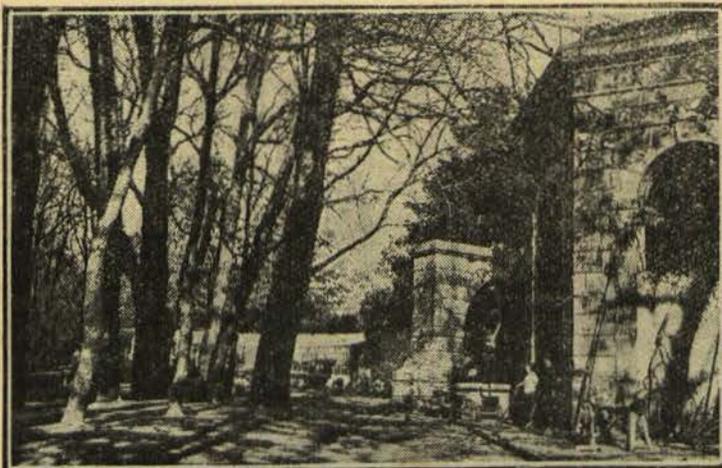
Em face d'esta resposta, o caso agora complicava-se ainda mais, e X dizia mal

da sua tola idéa de ter ido a Mafra; — demais a mais—monologava ele,— não conheço aqui ninguem; e estando ante o mais formidavel edificio de Portugal, vejo-me em risco de passar a noite a deambular ao belo *etoile*.

Sucedeu, porém, que alguém lhe conheceu o embaraço e indicou-lhe uma hospedaria existente n'um outro ponto da vila.

Para lá tambem se dirigiu X; e enquanto melancolicamente percorria os duzentos metros da frente do mosteiro, ia pensando na expectativa de lhe darem a mesma negativa resposta.

O Deus dos turistas foi-lhe benevolo



MAFRA — Um trecho da Cerca

d'esta vez, pois chegado ali, obteve a certeza de que podia contar com comida e quarto para passar a noite.

Respirou, emfim.

Ao hospedeiro disse que ainda ia dar uma volta pela vila e que jantava depois, desejando, porém, préviamente, ir colocar os seus aprestos no aposento que lhe destinava e proceder a lavagens, pois a poeira da caminhada não tinha sido pouca.

— O' rapaz—ordenou o dono da casa para um mocinho—vae com este senhor e leva-o ao quarto n.º 6.

Calculou X que teria de subir a algum quarto do andar superior da hospedaria, mas enganou-se.

O rapaz sahi novamente do prédio acompanhando o novo hospede a um outro, que ficava ao alto da calçada, bastante afastado do primeiro.

Ahi subiram os dois um lanço de velha escada e seguiram por um corredor comprido, tendo varias portas fronteiras, e em cada uma d'elas via-se na verga um numero n'uma pequena chapa. Chegados ao numero 6, o rapaz abriu a porta, depondo lá a mala, e X pode então observar o seu novo aposento para uma noite.

Era um quarto de regulares dimensões, com largo leito de ferro com sua colcha, um tapêto, um pequeno toucador, emfim, oferecendo um aspecto confortavel, para quem não fosse muito exigente.

Para mais tinha ao fundo uma janela de sacada dando para a fachada do Mosteiro, o qual d'ali, a partir do torreão sul, se via toda, n'uma escorçada perspectiva d'um aspecto grandioso com suas alterosas torres e zimbório.

N'este momento, com formidavel sonoridade devido á sua proximidade, os sinos nas torres do mosteiro tocaram os quartos de hora — eram 16 e meia, e o rapaz informou que até ás cinco horas mostravam o convento.

De caminho para lá, enquanto observava o átrio da igreja, não pode deixar de admirar mais uma vez as notaveis estatuas de vários santos, que se destacam em seus nichos, a lembrar-lhe a magnifica escola de escultura que a monumental obra de Mafra ali fez brotar.

E' sabido de todos, que o mosteiro de Mafra foi devido ao plano do architecto alemão Ludwig ou Ludovice, aportuguesando mais o nome, o qual deu as enormes proporções de duzentos metros de frente e duzentos e dez de fundo, e altura em proporção, ao gigantêsco edificio, que por tal motivo resultou de aspecto pesado, embora o templo ao centro, os palácios e torreões em simetria lateral, tirem a monotonia das suas enormes linhas architectonicas.

Fôra em cumprimento de um voto de

D. João V, para ter um herdeiro, que tal fabrica se levantou, e não poupou o rei despezas enormes ao paíz, para conseguir o seu desejo.

Assim, a parte escultural é, em geral, um primôr, sendo feita e dirigida por Giusti, um admiravel escultor italiano, que deu uma nota de grande arte ao régio monumento. São principalmente notabilissimos os grandes baixos relevos em mármore de Carrára, que se ostentam nas capelas da igreja, representando preciosamente actos da vida de Nossa Senhora.

Para que o auxiliassem n'aquela bela arte, educou varios portuguezes, decerto na maioria mafrenses, distinguindo-se entre todos um escultor de génio, que foi Joaquim Machado de Castro, o auctor da «Memoria do Terreiro do Paço».

Um guarda a quem X manifestára o desejo de vêr o museu dos paramentos, guiou-o para o andar nobre, pelo torreão do Norte, começando assim a visita ao longo das muitas e vastas salas, onde foi exposto o recheio religioso dos frades do Convento, e que foi magnificamente organizado pelo notavel colecionador, o erudito José Queiroz, que na cerâmica e no bric-á-brac artistico era uma autoridade.

Mas, agora reparo — o artigo já vae longo, — e para não enfastiar mais o leitor deixo n'esta altura a visita de X ao Museu de Mafra e o mais que se seguiu no quarto n.º 6; o que ficará para ser contado em o seguinte numero da *Revista de Turismo*.

RIBEIRO CHRISTINO

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

Dr. Carvalho Monteiro

A absoluta falta de espaço do nosso ultimo numero, obrigou-nos a só agora nos referirmos ao passamento do sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Não nos cabe fazer o seu elogio posthumo. D'essa incumbencia se desempenharam todos os jornaes, enaltecendo, com toda a justiça, as qualidades d'esse venerando e distincto homem, que foi um prestante ornamento da sociedade portugueza.

Como verdadeiro amante de Portugal e como protector altruista da Arte, é que n'estas columnas não podemos deixar de, muito especialmente, deplorar a sua morte. Foi realmente uma perda nacional, pois o illustre finado soube conscienciosamente empregar o seu poderoso concurso e o seu valioso auxilio em tudo o que significava uma manifestação artistica.

Quiz o Destino que fosse n'essa encantadora vivenda de Cintra, que ele fez construir com o mais carinhoso entusiasmo, e mal pensando reservar-lhe a supremacia dos seus derradeiros momentos, que os seus olhos tivessem a ultima visão da grandesa faustosa do seu genio, permitida pela sua opulenta fortuna, a que, de resto, ligava uma relativa importancia.

Foi justo o Destino. E depois de ter deixado esse Homem de Bem gosar toda a satisfação dos seus desejos, proporcionou-lhe os ultimos haustos no merecido templo feito com a paciencia d'um Artista e rodeado dos seus mais queridos entes.

A sua distincta familia e, em especial, a seu filho e nosso bom amigo, sr. Pedro de Mello de Carvalho Monteiro, a *Revista de Turismo* apresenta a expressão do mais sentido pesar.

REGISTO

CARTAS DE SINTRA

N'UMA elegante brochura, editada pela Livraria Ferin, acaba, o conhecido e apreciado escriptor Alfredo Pinto (Sacavem), de publicar uma interessante série de cartas da sua sempre adorada Sintra, atravez das quaes a sua paixão por essa encantadora estancia e pelas deliciosas e poeticas paisagens que a cercam, perpassa com a doçura da sua realidade.

Em quasi todas as *Cartas de Sintra* nos aparecem esses quadros. Nas restantes, o erudito auctor divaga sobre a arte musical, mostrando a sua familiaridade com esse assumpto e as suas predileções pelos auctores que mais satisfasem as exigencias do seu espirito.

Agradecemos a oferta do exemplar que nos dedicou.

BOLETIM D'EMIGRAÇÃO

Do Commissariado Geral dos Serviços d'Emigração, recebemos o primeiro numero do «Boletim de Emigração», que se refere a Outubro e Dezembro de 1919 e que acaba de ser publicado pelo referido Commissariado.

Agradecemos a remessa.

O AUTOMOVEL

RECEBEMOS tambem o n.º 14 d'«O Automovel», que é uma publicação quinzenal destinada ao automobilismo, aviação, moto-cultura e turismo, segundo o que se indica no respectivo cabeçalho.

Esta nova publicação é editada pela Empreza Vaquinhas L.^{da}, a quem agradecemos a oferta do exemplar que nos foi remetido.

A vilegiatura em Portugal e a falta de indicações

EM referencia ao artigo que inserimos em o nosso ultimo numero, a proposito do *Guia oficial dos caminhos de ferro*, recebemos da empreza d'esse Guia a carta que publicamos a seguir, a que hoje não fazemos considerações por falta de espaço.

Lisboa 27 de Novembro de 1920

Sr. Director da «REVISTA de TURISMO»

LISBOA

Tendo lido as considerações que foram publicadas na edição do corrente mez da «Revista de Turismo», permita V. que lhe exponha o seguinte, a fim de demonstrar a inoportunidade das mesmas:

Existe em Portugal uma publicação no genero d'aquella que a «Revista de Turismo» aponta, tendo por fim atrair e facilitar o turismo, o «Manual do Viajante em Portugal», preenchendo tanto o fim a que se destinava que, de quatro edições publicadas, não existe á venda um unico exemplar, tendo um ultimo sido vendido pela bagatela de vinte escudos.

Existe mais em Portugal, como no estrangeiro, um guia de caminhos de ferro, limitado pela sua indole ao que aqueles seus similares se limitam, a fornecer indicações á grande massa que se desloca em caminho de ferro, e, acidentalmente, tambem, a fornecer algumas indicações que interessam o turismo. Como era a esta publicação que muito directamente se referiam as referidas considerações, deve esclarecer V. do seguinte:

Nenhuma reclamação chegou, pelo menos durante os ultimos seis mezes, ao conhecimento d'essa Empreza, sobre deficiencias, inexatidões ou sobre fosse o que fosse, quando afinal seria a Empreza a primeira a agradecer indicações desse genero.

O Guia Oficial, que em 1914 tinha

100 paginas de informação ferroviaria e que n'essa epoca seria classificado o melhor da Europa se não fosse o defeito de ser portuguez, passou a ter 54 no começo d'este ano, pelo simples motivo de não poder escapar á crise da guerra com a felicidade do novo rico, e procurar-se que o seu preço não fosse exagerado para as necessidades da maioria de quem o consulta. Atualmente, acompanhando as melhorias do serviço de caminhos de ferro já tem 67 paginas da mesma informação.

Gralhas escapam sempre em publicações periodicas, como certamente é do conhecimento de V.

O Guia Oficial publica-se atualmente com pontualidade e oportunidade de informação, aparte o mez corrente por motivos que a todos prejudicam; sendo, portanto, permita V. a afirmação, inteiramente inoportunas as considerações que me obrigaram á presente, devendo a proposito dizer que esta Empreza agradece, seja a quem fôr, qualquer indicação sobre erros de informação.

O preço de venda tem sido modestissimo se o compararmos ao de guias estrangeiros, já que é sempre fóra de casa que procuramos comparações, pois não nos devemos esquecer de que modestos devemos todos ser n'um paiz de pobres, já que a guerra não teve tempo de fazer-nos a todos novos ricos.

Feitas estas considerações, deve lembrar que indicações sobre turismo em publicações d'esta ordem se tradusiriam por um custo mais elevado do exemplar, obrigando a grande maioria a pagar taes informações, que para nada lhe serviriam, como se d'elas necessitasse.

Seja como fôr, porem, desde já estou á disposição d'essa Revista para serem introduzidas nas futuras edições quaesquer indicações que interessem o turismo em Portugal.

Quanto á carta publicada conjuntamente com as considerações que originaram a presente, julgo dever confessar por muitos motivos, não me merecer qualquer resposta; lastimando, apenas, que o pretexto de inicio das relações d'essa Revista com esta Empreza fosse o das considerações a que me reporte.

Ficando, repito, ao dispôr d'essa Revista para facilidade dos fins que a mes-

ma tem, creia-me com a maior consideração.

De V. etc.

Ricardo Amaral

P. S. Muito grato ficarei a V. pela publicação da presentê.

Ricardo Amaral

NOTICIAS DIVERSAS

As Caldas da Saude

As Caldas da Saude, em Santo Thyrso, tiveram este ano uma desusada concorrência de forasteiros e aquistas, que quizeram conhecer de visu as belezas da encantadora região onde estão situadas aquelas Caldas e experimentar a excelencia do seu tratamento thermal, que tem hoje, por assim dizer, uma apreciavel reputação.

Alem d'isso, as Caldas da Saude possuem um Grande Hotel, anexo ao estabelecimento thermal, o que proporciona tão grande comodidade, como conforto oferece aos seus hospedes, que a época passada o encheram por completo, não tendo sido possivel satisfazer a todos os pedidos de instalação que foram dirigidos á Empreza proprietaria.

Em vista d'esse completo exito, a direcção do mesmo importante estabelecimento resolveu amplial-o com mais trinta e seis quartos, grandes, bem arejados e iluminados, e com o conforto e comodidade indispensaveis.

As obras para este consideravel melhoramento foram já iniciadas, devendo na proxima epoca a bela estancia thermal de Santo Thyrso oferecer mais alojamento á sua já avultada clientela.

E' este factio digno de registo e de aplauso; e oxalá ele sirva de incitamento a outros empreendimentos que são inadiaveis para reparar as inumeras faltas que, infelizmente, ainda se notam nas nossas thermas.

Nas Thermas de S. Pedro do Sul

SEGUNDO nos informaram, deve, dentro de pouco tempo, ser aberto o concurso para adjudicação da exploração das aguas minero-medicinaes de S. Pedro do Sul.

Creemos que a ele concorrerá uma grande em-

preza que se pretende constituir com importantes capitaes, de forma a promover facilmente não só o progresso das thermas de S. Pedro do Sul, como o desenvolvimento turistico na região do Val do Vouga.

Hotel de Santa Luzia

POR ocasião da nossa recente estada em Viana do Castelo, fomos visitar o grande edificio destinado ao Hotel de Santa Luzia, construido no cume do Monte que domina a Rainha do Lima.

O aspecto exterior d'esse grande edificio, do lado da face principal, não nos deixou má impressão. Porem, o corpo de acesso, é inconcebivelmente acanhado e fóra de toda a proporção com o edificio.

Interiormente esse proximo hotel péca por defeitos de origem, alguns, porem, faceis de remediar, mas que parece terem passado despercebidos aos novos proprietarios d'esse grandioso edificio.

Como causará pena vêr resultar infructifera uma tentativa que, bem conduzida, poderá ser de faceis proventos e, tambem, para que não sugueitemos mais uma vez á sempre dura critica alheia, principalmente quando ela parte dos estrangeiros, os defeitos facilmente remediaveis, aqui consagramos o factio, chamando para ele os misericordiosos olhos da secção hoteleira da Sociedade Propaganda e a benéfica ação da Repartição de Turismo, que, em virtude da recente lei que lhe ampliou a sua esphera d'ação, pode bem evitar o crime — digamos assim — que se pretende levar a efeito no edificio do Hotel de Santa Luzia, que a ser explorado como está presentemente — sem boas retretes — sem bons quartos de banho — sem quartos commodos e de relativa luxuosidade, assimilar-se-ha ás hospedarias grotescas que, infelizmente, brotam por este Paiz.